

Editorial

Chega a público este quinto volume da COGNITIO-ESTUDOS. Consolidando-se como importante publicação de filosofia na Internet, a COGNITIO-ESTUDOS também se mostra de fato uma publicação internacional, não restrita exclusivamente aos círculos acadêmicos locais.

Que o leitor não tome a afirmação acima como sinal de gabo ou desprezo pela interlocução nacional. Trata-se, antes, de frisar o alcance atingido pela COGNITIO-ESTUDOS, bem como o reconhecimento da sua importância adquirida. Tais fatores expressam-se pelo menos de duas maneiras, uma diretamente relacionada à outra: o interesse crescente pela filosofia e pelo pragmatismo no país e no mundo assinala-se na rica diversidade de autores e temas aqui publicados. Dessa forma, desde 2004 a COGNITIO-ESTUDOS vem cumprindo sua proposta de maneira exemplar: favorecer o diálogo entre a comunidade filosófica nacional e internacional, divulgando pesquisas de ponta pela publicação de artigos de qualidade, em meio a esse mar de informações nem sempre confiáveis que é a Internet. Vamos aos artigos.

Sean Brown, pós-graduando em filosofia na Universidade de Indiana, EUA, apresenta o debate sobre o falibilismo na tradição pragmatista em "Fallibilism and the Future of Pragmatism". Confrontando o que Peirce e Dewey dizem a respeito da falibilidade de nossas concepções e teorias científicas, e, a partir disso, analisando as interpretações do debate feitas por Joseph Margolis e Nathan Houser, o autor questiona diretamente as relações entre realismo e construtivismo e a necessidade ou não de uma reinterpretação das teses pragmatistas clássicas, notadamente as de Peirce.

Inês Lacerda de Araújo, da PUC-PR, mais uma vez comparece com seu característico rigor interpretativo no artigo "Dewey e Rorty: um debate sobre justificação, experiência e o papel da ciência na cultura". O título por si só já é esclarecedor, e o artigo mais ainda: ao discutir o ataque rortyano à "neutralidade epistemológica" (digamos assim), a autora vai buscar em Dewey as razões de Rorty para defender práticas de justificação em vez de verificação, e termina por concluir que o mestre ainda permanece mais radical que o aluno: o instrumentalismo de Dewey parece ser mais eficaz do que o

contingencialismo de Rorty, na defesa de uma sociedade mais democrática e justa e na compreensão das implicações políticas de certa visão cientificista de mundo atualmente.

Dewey é mais uma vez estudado no artigo de Mariana Broens, Eloísa Benvenuti de Andrade e Fernando César Pílan, do Departamento de Filosofia da UNESP-Marília, "A Noção de Fluxo Contínuo da Experiência". Esse conceito central na tradição pragmatista é analisado tendo em vista suas possíveis contribuições para a filosofia da mente e para a ciência cognitiva, numa discussão filosófica atualíssima: ao questionar as teorias do conhecimento racionalistas tradicionais, Dewey mostra como a experiência evolui na continuidade entre ação e ambiente, descartando toda separação entre sujeito e objeto, forma e conteúdo, mente e matéria.

Serge Grigoriev, da Universidade do Havaí, lida com problemas de filosofia contemporânea da ciência. O autor explicita certas limitações da epistemologia de Karl Popper, recorrendo às idéias de evolução anancástica - isto é, que acontece por necessidade, como se de maneira "mecânica" - e evolução agapástica - isto é, que acontece por afinidade, devido ao ágape - encontradas na filosofia de Charles S. Peirce. Segundo o autor, a autonomia e a objetividade do mundo cultural ("mundo 2", no jargão de Popper) dependem de como se constrói a intersubjetividade: ou de maneira necessitarista, determinada de maneira absolutamente causal, ou de maneira agapástica, que parece ser mais profícua e abrir mais possibilidades de interação.

Já em "Eluding the Demon: how extreme physical information applies to semiosis and communication", B. Roy Frieden, físico da Universidade do Arizona, formulador da teoria da Informação Física Extrema (EPI, em inglês), em parceria com Vinicius Romanini, pesquisador da Universidade de São Paulo (USP), propõem uma re-interpretação da teoria da informação com base na semiótica de Peirce. Indo além de Peirce, estudam o papel decisivo dos interpretantes em interação com o objeto dinâmico na semiose, explicando o porque do crescimento da informação impedir uma simbolização completa e cristalizada, tendendo sempre à diversificação e à incompletude futuras.

Ignacio Redondo, da Universidade de Navarra, por sua vez, questiona as noções tradicionais de opacidade e transparência em teoria da comunicação. No seu "Embodiment and Mediation", ele defende uma filosofia da comunicação "mais

robusta" baseada na idéia peirciana de signo como mediação. Seu ponto de partida é o questionamento das noções de telepatia e incorporação, que ele toma como modelos tradicionais do desejo de comunicação imediata entre mentes e certo duro solipsismo oposto a tal anelo.

Em "'Teu Deus será meu Deus': a fé de Blaise Pascal sob um ponto de vista pragmático", de Imaculada Conceição Manhães Marins, doutora em filosofia pela UFRJ e arte-educadora, o leitor encontrará profunda discussão da famosa aposta de Pascal e do uso que dela faz William James, em seu "A vontade de crer". A autora não se restringe ao diálogo entre Pascal e James e chama para a discussão os grandiosos aportes de Agostinho, Kant e Unamuno, dentre outros. Com isso, ilumina poeticamente um tema que ainda merece mais atenção dos estudiosos brasileiros.

Dois outros artigos ampliam o leque das discussões para além das fronteiras imediatas do pragmatismo como corrente filosófica.

De Messias Basques, pesquisador do Laboratório de Antropologia da Ciência e Tecnologia (LACT-IFCS-UFRJ), temos "Entreatos da Renascença", sobre a filosofia da ciência de Tommaso Campanella. Neste trabalho de genealogia da filosofia da ciência, o autor, baseado na interpretação de Ernst Cassirer, busca nas idéias do renascentista italiano as origens do problema crítico, defendendo que Campanella teria, em suas palavras, "antecipado este que é um tema caro aos seus sucessores", sem cair, contudo, num matematismo materialista, mas, antes, enveredando por um misticismo em busca do "Verdadeiro".

E em "Temporalidade em Bergson e Merleau-Ponty", César Cola, professor da Universidade Federal do Espírito Santo, faz uma introdução geral ao tema explícito no título de seu artigo, analisando as noções de objetividade e subjetividade temporais segundo os dois autores, buscando mostrar proximidades e distanciamentos entre eles.

Cassiano Terra Rodrigues
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / PUC-SP